

02

**INSTRUMENTALIZAÇÃO
DO RACISMO
PELOS MOVIMENTOS DE
EXTREMA DIREITA GLOBAL**

**“INSTRUMENTALIZAÇÃO DO RACISMO PELOS MOVIMENTOS DE
EXTREMA DIREITA GLOBAL”**

ABRIL 2025

FICHA TÉCNICA

COORDENAÇÃO EXECUTIVA:

Sueli Carneiro

ELABORAÇÃO DE TEXTO E TRADUÇÃO:

Kátia Mello

REVISÃO TÉCNICA:

Maria Sylvia de Oliveira e Iradj Eghrari

DIAGRAMADOR E DESIGNER: SENDIGITAL

Antônio Carlos “KK” Santos Filho

realização



INSTRUMENTALIZAÇÃO DO RACISMO PELOS MOVIMENTOS DE EXTREMA DIREITA GLOBAL

G316

Instrumentalização do Racismo pelos
Movimentos de Extrema Direita Global /
coordenação: Sueli Carneiro. - São Paulo:
Geledés, 2026.

29 p. -- (Coleção Geledés no Sistema
Internacional; v.2)

ISBN: 978-85-62750-50-2

1. Racismo. 2. Movimentos políticos. 3. Política
Global. 4. Extrema direita. I. Geledés Instituto da
Mulher Negra. II. Título.

CDD 305.896

Índices para catálogo sistemático:

1. Racismo: Política: Desenvolvimento econômico e
social 305.896

Lucineia Pereira Ribeiro – Bibliotecária – CRB-8/10400

ISBN: 978-85-62750-50-2





SUMÁRIO

07

APRESENTAÇÃO

13

PARTICIPANTES

14

FALAS NA ÍNTEGRA

APRESENTAÇÃO

Este documento dá continuidade à série de publicações iniciada por *Brasil e Durban – 20 anos depois*, editado e publicado em 2021 pelo Centro de Documentação e Memória Institucional do Geledés – Instituto da Mulher Negra, cuja missão é preservar e difundir a memória do protagonismo político de Geledés e dos movimentos negros e de mulheres com os quais compartilha trajetórias de luta por justiça social e direitos humanos.

Brasil e Durban – 20 anos depois foi a primeira obra desta série. Resultado de um processo de pesquisa documental e entrevistas com protagonistas da III Conferência Mundial contra o Racismo, realizada em Durban em 2001, o livro documenta a atuação estratégica das organizações da sociedade civil brasileira na conferência, destacando a construção de uma agenda política antirracista e antissexista no cenário internacional. Ao sistematizar esse percurso, a publicação oferece às novas gerações uma ferramenta de memória, análise crítica e inspiração para a ação política transformadora.

O presente volume, *Instrumentalização do Racismo pelos Movimentos de Extrema Direita Global*, representa o segundo marco desta série editorial. Ele se ancora na realização da mesa-redonda homônima promovida por Geledés em 12 de setembro de 2023, na sede das Nações Unidas em Genebra, Suíça. O evento reuniu especialistas do sistema ONU, ativistas

e jornalistas de renome internacional para analisar como a extrema direita contemporânea tem apropriado o racismo como estratégia de poder, desmantelamento institucional e produção de violência política contra povos afrodescendentes.

Esta publicação sintetiza e analisa criticamente os discursos e reflexões apresentados no evento, tratando de forma direta a ascensão transnacional da nova extrema direita – tecnicamente articulada, ideologicamente reacionária e economicamente bem financiada. Os testemunhos aqui reunidos revelam um padrão coordenado de erosão das democracias, ataque às resoluções de direitos humanos e reconstrução simbólica de ideologias autoritárias, agora moldadas para operar dentro do próprio sistema democrático e de seus mecanismos multilaterais.

As análises reunidas nesta obra apontam que o racismo deixou de ser apenas um resquício estrutural dos regimes coloniais e escravistas: tornou-se uma ferramenta sofisticada, intencionalmente instrumentalizada para desestabilizar consensos civilizatórios. Termos como “gênero”, “igualdade racial” e “direitos humanos” passaram a ser alvos centrais de um revisionismo coordenado, que atua simultaneamente nos parlamentos, nas redes sociais, nas igrejas e nas instâncias internacionais. O desmonte semântico de conceitos fundamentais da dignidade humana é, aqui, um dos principais mecanismos de ação dessas forças regressivas.

Ao mesmo tempo, o documento revela com contundência a letalidade cotidiana do racismo contemporâneo. Os corpos afrodescendentes, especialmente os mais jovens, seguem sendo alvos prioritários da violência de Estado e da necropolítica global. Mas agora isso ocorre sob o verniz da “ordem” e da “segurança pública”, em sistemas supostamente democráticos, onde até mesmo agentes racializados atuam como vetores da lógica supremacista. A crise não é apenas institucional, é civilizatória: há uma reconfiguração transnacional dos fundamentos do pacto democrático, e o racismo é seu motor.

Por isso, este volume não se limita à denúncia. Ele propõe estratégias. Reivindica a construção urgente de uma coordenação global antirracista, liderada por afrodescendentes. Defende uma educação paralela, fora dos circuitos coloniais. Clama por novas linguagens e alianças. E alerta: não haverá enfrentamento à extrema direita sem o desmonte dos seus pilares racistas. Assim como o primeiro livro recuperou a força coletiva de Durban, este segundo aponta o caminho para um novo levante: lúcido, articulado e radicalmente comprometido com a vida.

Sueli Carneiro

Coordenadora Executiva

Centro de Documentação e Memória Institucional

Geledés – Instituto da Mulher Negra

“PARA NÓS, DE GELEDÉS,

É também uma oportunidade de apresentarmos as nossas preocupações, com os desafios para a construção de estratégias, para frearmos o avanço da violência, inclusive a letal, contra pessoas afrodescendentes por agentes de aplicação da lei articulada, com o crescimento da extrema direita em todo o mundo”, afirmou Maria Sylvania de Oliveira, coordenadora do Programa de Gênero, Raça e Equidade de Geledés e mediadora do evento.

A coordenadora de Geledés ainda contextualizou as situações de extrema violência no Brasil. “Estados, em geral, têm realizado baixos esforços para a reversão dessas desigualdades raciais nos diferentes âmbitos sociais, bem como sobre as ações para a reversão do racismo sistêmico que perpetua as péssimas condições de vida entre as diferentes gerações de pessoas afrodescendentes”, disse Maria Sylvania de Oliveira.

A extrema direita, fascista, ressurgiu com força da Europa para diferentes partes do mundo, tendo no racismo, na xenofobia e nas intolerâncias correlatas seus instrumentos para a cooptação de novas mentes em diferentes localidades, ampliando as sequelas do colonialismo e tornando complexo o racismo contemporâneo.

Em sua análise sobre a nova extrema direita, o jornalista Jamil Chade chamou a atenção para o fato de que este “é um movimento global, altamente profissional, com objetivo e estratégia, e com muito dinheiro”. Para ele, “se não entendermos isso, nunca haverá uma solução nacional que levará ao desmantelamento da extrema direita”.

Durante o evento, Chade afirmou que participou de reuniões de lideranças extremistas, sem ser notado, talvez em razão de ser um branco. “Percebi que eles são extremamente coordenados internacionalmente. Assim que um deles cai, eles estão lá para se apoiarem um ao outro”, afirmou ele ao comparar esses líderes mundiais a atletas das Olimpíadas, que correm prontos a passar o bastão ao próximo.

Entre as ações articuladas por governos de extrema direita, como bem notou Chade, está a tentativa de desmantelamento de terminologias já consolidadas na defesa dos direitos humanos, como as resoluções da ONU. “Primeiro, rompem com o consenso, retirando até mesmo palavras como gênero, ou tantas outras palavras que foram pensadas para serem consenso nos últimos 30 anos. E, de repente, esses termos que estão nas resoluções da ONU, em declarações, estão sendo colocados em xeque novamente”.

Somando-se à fala de Chade, a Dra. Tracie L. Keese, uma das especialistas do EMLER, destacou a coordenação global dos supremacistas brancos, chamando a atenção para a urgência de haver uma reação. “Isso é algo que não temos como povos africanos e afrodescendentes. Não temos essa coordenação global. E é mais do que hora para começarmos a nos reunir, a dialogar e estabelecer a estratégia que nos parece”, sugeriu ela.

Keese, dentro do escopo de sua experiência no EMLER, também abordou a atuação da supremacia branca no sistema judicial. “Temos uma visão muito clara sobre para onde é necessário ir e como os afrodescendentes devem lidar com essa ideia, essa ideologia, que faz com que seja ainda mais difícil existirmos como população”, afirmou ela.

A especialista do EMLER pontuou que é preciso estar atento ao policiamento como um todo promovido pelos supremacistas, diante da necessidade de vigilância constante. “Não é só sobre segurança pública. É sobre policiamento dos corpos das mulheres. É sobre nossas escolas. É sobre nossa saúde. É sobre todos os aspectos de nossas vidas, onde a polícia e as leis se interseccionam”, afirmou ela.

Já Salimah Hankins, advogada e diretora da UNARC - Coalizão contra o Racismo da ONU, reforçou a ideia promulgada pelos demais participantes de as organizações de combate ao racismo global trabalharem de maneira conjunta. “A nossa coalizão estabelece e nos ajuda a construir um movimento, a refletir sobre nosso trabalho como um movimento coletivo. Nossa coalizão opera sob a premissa de que as comunidades, especialmente as comunidades negras e pessoas impactadas pelo racismo no mundo, é que sejam os especialistas. São eles que sabem o que será necessário para mudar as condições materiais.”


Hankins, inclusive, sugeriu a criação de redes para veicular informações, utilizando a ONU como ferramenta. “Fazemos a conexão entre os diferentes órgãos da ONU e mecanismos, o Conselho de Direitos Humanos, as campanhas para enaltecer iniciativas locais e promover esse conceito global”, disse ela.

A presidenta do Grupo de Trabalho de Especialistas em Afrodescendentes da ONU, Barbara Reynolds, fez importante reflexão sobre o desmoronamento da democracia no âmbito interno das instituições. “A democracia se tornou escrava do antigo regime colonial e do regime anterior à escravização. Independentemente se o governo tenha aparência de afrodescendente ou não, se é democrático ou não, o que vem acontecendo é que há um avanço nessas atitudes”, disse ela.

Reynolds enfatizou o modus operandi opressor nas instituições democráticas em sistemas que perpetuam o legado escravagista. Para a presidenta do Grupo de Trabalho de Especialistas em Afrodescendentes da ONU, isso ocorre da polícia aos parlamentos em países que passaram pela escravização. “Há policiais afrodescendentes tratando os afrodescendentes da mesma forma como foram tratados por escravizadores. Eles tratam os afrodescendentes como se fossem escravizados. Eu não estou propondo eliminarmos a democracia, mas temos que entender como esse caminho é uma continuação de nossos sistemas políticos, de nossos partidos, de nossos sistemas que criam legislações e programas”, disse ela.

Em suas intervenções, Reynolds sugeriu estratégias bastante relevantes. Entre elas, está o uso de uma linguagem própria. “Quando nos dirigirmos um ao outro, temos que mudar nossa linguagem. Fazer o “woke” positivo”, disse ela.

¹ “woke”, trata-se de uma forma de protesto não violento que permite empoderar grupos historicamente marginalizados da sociedade e corrigir comportamentos, especialmente nos setores mais privilegiados que, até agora, eram parte do status quo e persistiam sem punição, nem mudança.



A presidenta do GT de Especialistas em Afrodescendentes da ONU ainda destacou a necessidade de haver o que chamou de “educação paralela”. “Por que digo uma educação paralela? Os sistemas de educação não vão mudar”, disse ela.

Neste sentido, Reynolds sugere um sistema educacional que seja implementado de pessoa para pessoa, a começar pelas comunidades frequentadas por afrodescendentes. “Isso fala sobre como realmente usamos a igreja, a mesquita, o templo, e também os clubes de sábado, os clubes de domingo, as reuniões de oração, os grupos de ,escotismo,” afirmou ela.

Em linha com os demais palestrantes, Almaz Teffer, da ONG Human Rights Watch, sublinhou a importância do protagonismo dos afrodescendentes na liderança de ações antirracistas. “Precisamos ter mais solidariedade, precisamos que todos levantem suas vozes contra o racismo e precisamos fazer com que as pessoas impactadas sejam as protagonistas da mudança.”

Teffer também incitou as Nações Unidas a agirem nos casos de racismo na esfera global. “Os mecanismos da ONU também precisam chamar a atenção sobre o racismo estrutural, seja nos governos, nas instituições, nas políticas ou nas práticas, para que também a sociedade civil possa fazer o mesmo”, disse ela.

Abaixo seguem as pequenas biografias dos participantes do evento “Instrumentalização do Racismo pelos Movimentos de Extrema Direita Global”.

PARTICIPANTES:

Barbara G. Reynolds é presidenta do Grupo de Trabalho de Especialistas em Afrodescendentes da ONU. Ela atuou como vice-reitora adjunta na Universidade da Guiana de agosto de 2014 a setembro de 2019. Antes disso, Reynolds foi Chefe de Educação da ONG Save the Children, no Reino Unido, tendo passado as duas décadas anteriores na UNICEF.

Tracie L. Keesee é uma das especialistas do EMLER (mecanismo da ONU especializado em promover a justiça racial e a igualdade na aplicação da lei). Policial veterana, ela é cofundadora e presidente do Centro de Operações de Equidade na Polícia, em que lidera iniciativas para promover a transparência e a responsabilidade policial nos Estados Unidos.

Almaz Teffera é pesquisadora sobre racismo na Europa na divisão Europa e Ásia Central da ONG Human Rights Watch. Ao longo de sua carreira, ela trabalhou na Ásia e na Europa com instituições de Direitos Humanos, como a Anistia Internacional, o Conselho Europeu de Refugiados e Exilados, o AIRE Centre e a instituição de caridade britânica Liberty.

Jamil Cezar Chade, mais conhecido como Jamil Chade, é um jornalista brasileiro. Mora atualmente em Nova York, nos Estados Unidos, mas está sediado em Genebra, na Suíça. Atua como correspondente na Europa há duas décadas. É colunista atualmente do UOL.

Este documento reflete as informações e cargos de todos os participantes à época do evento.

MEDIADORA:

Maria Sylvia de Oliveira é sócia efetiva de Geledés-Instituto da Mulher Negra, organização onde atualmente ocupa o cargo de Diretora Executiva e Coordenadora da área de Gênero, Raça e Equidade. É graduada em Direito pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (1994), em São Paulo, e mestranda no programa de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e outras Legitimidades – Diversitas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP.

Geledés - Instituto da Mulher Negra se propôs a realizar uma mesa para o enfrentamento ao extremismo da direita global, transmutada em racismo, xenofobia, discriminação, intolerâncias correlatas. Segue abaixo a íntegra das falas de todos os participantes, **mediados pela coordenadora de Geledés Maria Sylvia de Oliveira**.



MARIA SYLVIA DE OLIVEIRA

É sócia efetiva de Geledés-Instituto da Mulher Negra, organização onde atualmente ocupa o cargo de Diretora Executiva e Coordenadora da área de Gênero, Raça e Equidade. É graduada em Direito pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (1994), em São Paulo, e mestranda no programa de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e outras Legitimidades – Diversitas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP.


Refletir sobre racismo global com especialistas do EMLER, do Grupo de Trabalho de Especialistas sobre Afrodescendentes, representantes da UNARC, Human Rights Watch e da grande mídia internacional pode ser um caminho para que possamos retomar a Declaração de Durban, adotada há mais de 20 anos para o enfrentamento a todas as formas de discriminação racial.

Para nós, de Geledés, é também uma oportunidade de apresentarmos as nossas preocupações, com os desafios para a construção de estratégias, para frearmos o avanço da violência, inclusive a letal, contra pessoas afrodescendentes por agentes de aplicação da lei articulada, com o crescimento da extrema direita em todo o mundo.

Afrodescendentes ao redor do mundo têm experienciado situações marcantes de desigualdades, marginalização socioeconômica, política e cultural.

No Brasil, as situações são de extrema violência. Estados, em geral, têm realizado baixos esforços para a reversão dessas desigualdades raciais nos diferentes âmbitos sociais, bem como sobre as ações para a reversão do racismo sistêmico que perpetua as péssimas condições de vida entre as diferentes gerações de pessoas afrodescendentes.

A extrema direita, fascista, ressurgiu com força da Europa para diferentes partes do mundo, tendo no racismo, na xenofobia e nas intolerâncias correlatas seus instrumentos para a cooptação de novas mentes em diferentes localidades, ampliando as sequelas do colonialismo e complexando o racismo contemporâneo.



Então, para além de termos que nos deter em análises sobre boas práticas para frear o avanço do racismo instrumentalizado pela ideologia de extrema direita, não podemos depurar dos enormes desafios e buscar garantias de oportunidades para a melhoria nas condições de vida dos povos afrodescendentes.

Portanto, o que nos propusemos a realizar aqui é uma mesa de enfrentamento ao extremismo da direita global, transmutada em racismo, xenofobia, discriminação, intolerâncias correlatas, que aglutina extremistas de extrema direita em uma dimensão transnacional, reafirmando o neoliberalismo e impondo uma nova onda conservadora.

É preciso que assumamos o compromisso de atuar para a construção de um movimento global em defesa e na promoção dos Direitos Humanos dos afrodescendentes, em particular, a promoção da Declaração e Plano de Ação de Durban, uma agenda inconclusa e que necessita de nova rodada de esforços e compromissos para a sua efetiva implementação e transformada em um instrumento de luta contra o fascismo e o autoritarismo.

Com ações coletivas articuladas, poderemos criar estratégias para o enfrentamento ao racismo global, a defesa de afrodescendentes, africanos e os demais grupos historicamente discriminados e desfavorecidos, e também frear o avanço contínuo dos grupos extremistas.



TRACIE L. KEESEE

É uma das especialistas do EMLER (mecanismo da ONU especializado em promover a justiça racial e a igualdade na aplicação da lei). Policial veterana, ela é cofundadora e presidente do Centro de Operações de Equidade na Polícia, em que lidera iniciativas para promover a transparência e a responsabilidade policial nos Estados Unidos.

Uma das coisas que damos bastante foco em nossa gestão é entender sobre como a supremacia atua dentro do sistema judicial. Temos uma visão muito clara sobre para onde é necessário ir e como os afrodescendentes devem lidar com essa ideia, essa ideologia, que faz com que seja ainda mais difícil existirmos como população. Não apenas isso, mas também ela nos impede de vivermos integralmente e de incorporarmos nossos direitos como afrodescendentes. Sabemos que isso é uma questão. Notamos isso em nosso trabalho neste último ano e meio, e entendemos a importância de poder trazer à tona esse tópico em particular.

Quero ser clara, porque este não é o único tópico. O trabalho que o mecanismo EMLER tem sido requisitado a executar é bastante extenso, mas está inter-relacionado de forma tal que podemos fazer recomendações para endereçarmos esse assunto.

Olhamos para esta questão (a supremacia) não apenas como atores, mas também de maneira a abordar o racismo sistêmico, porque sabemos que, dependendo da forma como for ele construído, os agentes que quiserem continuar com esse trabalho também seguirão se inserindo no sistema. Portanto, devemos começar a observar por partes, não necessariamente como indivíduos, mas como um todo inter-relacionado.

Uma das coisas que desejo fazer, com certeza, e que já solicitei a vocês hoje, é que o EMLER esteja por trás das iniciativas como um parceiro colaborador para abordar esses assuntos. Vamos estar atentos ao diálogo (de hoje) e ver como o observaremos em um trabalho futuro.



BARBARA G. REYNOLDS

É presidenta do Grupo de Trabalho de Especialistas em Afrodescendentes da ONU. Ela atuou como vice-reitora adjunta na Universidade da Guiana de agosto de 2014 a setembro de 2019. Antes disso, Reynolds foi Chefe de Educação da ONG Save the Children, no Reino Unido, tendo passado as duas décadas anteriores na UNICEF.


Quero antes de mais nada agradecer a Geledés por seu trabalho contínuo. Quero começar com este maravilhoso termo “democracia”, porque para a maioria de nossos modernos países, aqueles que se tornaram independentes nos anos 50, 60, 70 e até nos anos 80, fala-se muito em democracia e o que ela nos proporciona.

A proposição é de que a democracia seja moralmente correta, relevante ao nosso desenvolvimento e em linha com as organizações internacionais. A democracia, portanto, tem sido associada ao apoio àqueles que têm mais bens do que outros, mas também tem sido inserida na arquitetura política internacional.

Portanto, se formos falar sobre as estruturas políticas, podemos começar com a democracia. Essa democracia que surgiu no pós-colonialismo e após o deslocamento das populações de afrodescendentes. E o que vemos agora? Permitam-me amplificar a discussão.

Ao observarmos a educação online, por exemplo, podemos falar sobre clones e escravos. Se você prepara um programa online, isso permanecerá e a cada semestre é possível fazer uma atualização. Sugiro que o que tenha sido deixado pela democracia é essa concha do colonialismo, e que as pessoas seguem praticando. Podemos observar isso na estrutura política, na polícia, nos governos, na legislação, nos orçamentos, nos programas, nas atitudes. E aí falamos sobre os clones.

Também vemos clones. Quando você clona seu programa, mexe só nas margens e está pronto para o próximo semestre. Você pode dizer, no último semestre foi outono, agora já é primavera, você muda a data, mas segue do mesmo jeito. É um clone. E o que temos em muitos governos são clones de colonizadores e escravagistas. Esses clones não são apenas pessoas que não são negras. Ou seja, pessoas brancas.

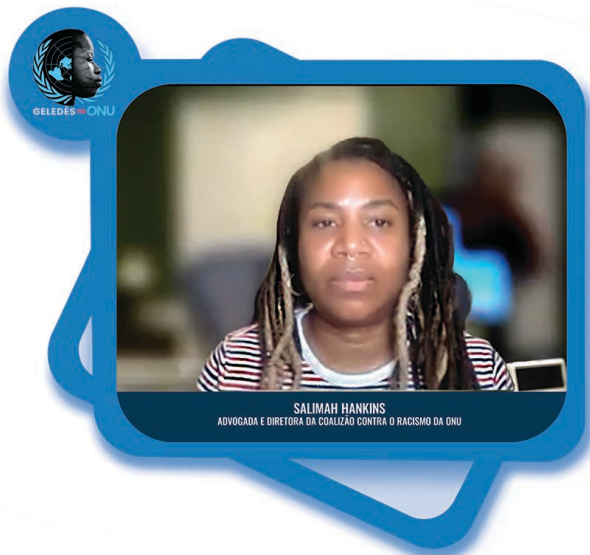


Temos clones em governos não brancos em todo o mundo, que estão basicamente fazendo a mesma coisa sempre. E sinceramente e infelizmente, alguns desses governos são negros, mas são clones.

Você tem escravos, e os escravos, nessas plataformas online, fazem exatamente o que lhes é mandado, são paus-mandados. Ou seja, essa democracia se tornou escrava do antigo regime colonial e do regime anterior à escravização. Independente se o governo tenha aparência de afrodescendente ou não, se é democrático ou não, o que vem acontecendo é que há um avanço nessas atitudes.

Há policiais afrodescendentes tratando os afrodescendentes da mesma forma como foram tratados por escravizadores. Eles tratam os afrodescendentes como se fossem escravizados. Eu não estou propondo eliminarmos a democracia, mas temos que entender como esse caminho é uma continuação de nossos sistemas políticos, de nossos partidos, de nossos sistemas que criam legislações e programas.

No fim desta cadeia, vemos a perpetuação de todas as estruturas demográficas existentes, e é lá em que a maioria dos afrodescendentes se encontram.



SALIMAH HANKINS

Advogada e diretora da Coalizão contra o Racismo da ONU. Nossa coalizão foi criada no rastro do assassinato de George Floyd e temos um grupo de pessoas que foram impactadas por ele, além de advogados de afrodescendentes em todo o mundo. Temos mais de 80 organizações no mundo inteiro.


Nossa organização solicitou a formação desse mecanismo, portanto estamos trabalhando junto à doutora Tracie Keesee nesse mecanismo de especialistas. Quando reflito sobre essa questão de estratégia, penso especialmente na intervenção feita pela Sra. Reynolds sobre as institucionalidades subjacentes.

Já conversei com muitos estrategistas negros e alguns deles dizem que hoje em dia estamos vivendo em um mundo perfeito, perfeito na visão de outros. Eles tinham um panorama muito bem articulado. Um mundo em que os negros eram subjugados, onde as mulheres não eram empoderadas.

Para que adotemos estratégias e entendamos também o conceito que estamos tentando colocar em prática, e as estratégias façam com que esse conceito venha a fruir, precisamos ter ciência sobre como obter um panorama centenário. Nossa posição nem sempre é defensável. A agressividade também é importante, mas qual é o conceito que estamos buscando?

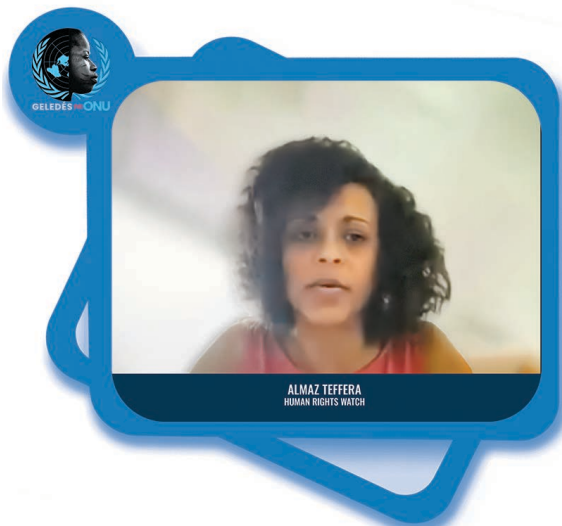
A nossa coalizão estabelece e nos ajuda a construir um movimento, a refletir sobre nosso trabalho como um movimento coletivo. Nossa coalizão opera sob a premissa de que as comunidades, especialmente as comunidades negras e pessoas impactadas pelo racismo no mundo, sejam os especialistas. São eles que sabem o que será necessário para mudar as condições materiais.

Trabalhamos como uma coalizão. E, obviamente, em vista da exploração histórica do colonialismo, do comércio escravagista e transatlântico, e o que foi feito com a venda de corpos de negros, somos limitados, em nossa incidência, devido à falta de espaços que as pessoas locais precisam ter para poder defender seus direitos. Este é o sistema em que trabalhamos.



Nossa coalizão tenta trabalhar com a questão de acesso a recursos. E fazemos a conexão entre diferentes órgãos da ONU e mecanismos, o Conselho de Direitos Humanos; fazemos campanhas para enaltecer iniciativas locais para promover esse conceito global. Cabe a nós fazer com que a ONU seja cada vez mais respeitada e apoiada através de visitas locais e a países.

Também é uma questão de criar redes para incorporar informações. Pensando nisso, é importante se apropriar da ONU como ferramenta e usar a incidência de pessoas nessas localidades, fazendo com que seus conceitos, através de mecanismos da ONU, estejam engajados e alinhados. Esse é o trabalho que estamos fazendo.



ALMAZ TEFFERA

Pesquisadora sobre racismo na Europa na divisão Europa e Ásia Central da ONG Human Rights Watch. Ao longo de sua carreira, ela trabalhou na Ásia e na Europa com instituições de Direitos Humanos, como a Anistia Internacional, o Conselho Europeu de Refugiados e Exilados, o AIRE Centre e a instituição de caridade britânica Liberty.

É uma honra para a Human Rights Watch ser parte desse evento importante.

Meu papel na Human Rights Watch enfoca o monitoramento, a documentação e o esforço de combater o racismo na Europa, trabalhando conjuntamente com parceiros sempre centrados nas histórias das pessoas afetadas por abusos de direitos humanos.

Os governos têm obrigações claras em termos de direitos humanos internacionais para erradicar o racismo e assegurar a igualdade racial e a equidade. E quando se trata de racismo estrutural, temos que considerar os contextos históricos específicos, alguns dos quais referem-se à colonização. Pode ser colonização ou escravidão. Porém podemos observar ameaças cada vez mais preeminentes da extrema direita populista e xenofóbica em todo o mundo.

E isso afeta alguns indivíduos. As minorias raciais, étnicas e religiosas, comunidades multigeracionais ou de imigrantes, cresceram drasticamente nos últimos anos na Europa, fazendo com que isso seja realmente desafiador e, às vezes, se torna perigoso para pessoas da sociedade civil continuarem a fazer seus trabalhos sobre justiça racial e equidade.

Vemos que o racismo não mais se encontra, ou a retórica também, essa retórica xenofóbica não mais se encontra no espectro político da extrema direita, mas também se aproxima do centro. O crescimento do populismo e dos partidos de extrema direita causou quase que uma imobilidade, uma vez que os governos têm medo de enfrentar esse monstro. E essa falta de ação faz com que as pessoas sejam deixadas desprotegidas. Acredito ser importante lembrarmos que já alcançamos muitos avanços na luta contra o racismo em nossa sociedade, apesar das dificuldades e dos sacrifícios.

Os governos devem apoiar e assegurar os financiamentos necessários. Os governos devem parar de tratar o racismo como um grande tabu que afeta apenas pequenas parcelas das populações, porque problemas estruturais afetam a vida de milhares de pessoas.

Precisamos entender a ideia de que os sistemas não estão aí para servir e proteger a todos. Portanto, sistemas inigualáveis afetam a todos de forma negativa. Essa é uma responsabilidade da sociedade e obviamente também do governo de mudar e desmontar esses sistemas.

Dito isso, acredito que precisamos obter um maior empoderamento das pessoas afetadas pelo racismo, das comunidades racializadas. O discurso sobre o racismo precisa ser liderado pelas pessoas racializadas para termos as mudanças necessárias. Acredito que a nossa causa não deva ser feita sem nós e isso é muito importante para combatermos efetivamente o racismo.

Precisamos ouvir e reconhecer a expertise das pessoas racializadas, que podem nos dizer exatamente quais são os problemas e quais são as soluções. Precisamos ter mais solidariedade, precisamos que todos levantem suas vozes contra o racismo e precisamos fazer com que as pessoas impactadas sejam as protagonistas da mudança.

Para ações eficazes contra o racismo, precisamos da disposição dos governos de considerar o racismo estrutural em seus países. Muitas vezes, vemos que a sociedade civil preenche lacunas onde os governos não tomam medidas e ainda assim são atacados por isso. A negação da existência do racismo apenas fertiliza o surgimento da retórica de extrema direita e deliberadamente coloca as pessoas em risco.

O que a ONU pode fazer? As agências e mecanismos de direitos humanos da ONU, incluindo os Procedimentos Especiais da ONU e o Escritório do Alto Comissariado para os Direitos Humanos, devem estar ao lado da sociedade e assegurar que ela possa realizar seu trabalho e que ela tenha os recursos necessários. Também sentimos que a sociedade sente um vazio quando o governo falha em tomar uma atitude e é ela que enfrenta os ataques do governo.

Portanto, os mecanismos da ONU precisam regularmente interagir com as diferentes partes da sociedade civil, e muitos de vocês já estão fazendo isso, mas acredito que seja importante realmente reforçar isso para que possamos receber informações atualizadas do terreno e para que haja consciência sobre as necessidades e riscos da sociedade civil.

Os mecanismos da ONU também precisam chamar a atenção sobre o racismo estrutural, seja dentro dos governos, das instituições e nas políticas ou intervenções para que também a sociedade civil possa fazer o mesmo, de forma a protegê-la de represálias e ataques dos governos, permitindo que haja caminhos para uma investigação internacional.

Precisamos de condenações internacionais de incidentes racistas, sempre que eles ocorram, e precisamos que haja um acompanhamento vigilante para que, quando os governos falharem, eles respondam por isso. Portanto, as visitas a países são obviamente uma parte chave no encontro com a sociedade civil, e obviamente com as instituições governamentais. Porém, há também outros monitoramentos e atuações que são importantes para garantir que a sociedade civil seja capaz de continuar seu trabalho.



JAMIL CHADE

Conhecido como Jamil Chade, é um jornalista brasileiro. Mora atualmente em Nova York, nos Estados Unidos, mas está sediado em Genebra, na Suíça. Atua como correspondente na Europa há duas décadas. É colunista atualmente do UOL.

Há apenas duas semanas atrás, eu estava conversando com uma escritora famosa no Brasil, e nós estávamos debatendo, e ela falou sobre o fato de a Justiça ser cega, como um elemento de manutenção do status quo.

O regime democrático como uma continuação de um sistema de exploração, é que a Justiça, tal qual é referida, é cega e não enxergaria a luta e a injustiça daqueles que nunca foram incluídos no sistema democrático.

Em 2021, no último dia do (primeiro) governo de Donald Trump, enquanto ele gritava e tentava se levantar de sua cadeira, uma secretária enviou um e-mail dizendo que esses foram os anos mais importantes da vida dela como servidora pública, e que ela estava muito feliz de ter servido Donald Trump.

Ela também disse que sua agenda, ou a agenda do governo, ou seja, a agenda ultraconservadora, contra os direitos humanos, deveria continuar, apesar de o governo ter perdido a eleição. Esse e-mail, que tenho uma cópia, termina com uma sugestão dizendo a todos, porque ela estava enviando-o a todos os seus apoiadores, grupos ultraconservadores, igrejas, etc., para que dessem continuidade a essa questão na agenda, e que, por favor, entrassem em contato com a embaixada brasileira em Washington.

Ou seja, basicamente o que ela estava dizendo é que havia um comunicado para manter essa agenda. O fato de Donald Trump sair (da presidência) não seria o fim. E o que nós podemos concluir com isso é que o fato de Bolsonaro sair do Brasil também não é o fim dessa agenda.

Sou jornalista, sou brasileiro e estou sediado em Genebra nos últimos 24 anos. Tenho viajado para alguns desses países que foram e são liderados pela extrema direita. Portanto, algumas de minhas conclusões são, em primeiro lugar, que é um movimento global, altamente profissional, com

objetivo e estratégia, e com muito dinheiro. Ou seja, se não entendermos isso, nunca haverá uma solução nacional que levará ao desmantelamento da extrema direita.

Tive a sorte de estar em muitas dessas reuniões, talvez por conta da minha cor de pele, podendo estar ali sem ser notado, e o que percebi é que eles são extremamente coordenados internacionalmente. Assim que um deles cai, eles estão lá para se apoiarem um ao outro. Portanto, a queda de Donald Trump ao perder a eleição, naquele e-mail, deixa evidente que havia um apoio, como nas Olimpíadas, com o passe de bastão para o próximo. E isso foi muito, muito impressionante de assistir.

O que também temos que entender é que, internamente, obviamente como já sabemos, eles usam o caminho democrático para alcançar o poder, e assim, enquanto estão no poder, o desmantelamento dos direitos e da ordem é, obviamente, uma das prioridades. Internacionalmente há também uma estratégia, eu diria até três delas, ou três etapas dessa estratégia.

Primeiro, seria romper com o consenso, retirando até mesmo palavras como gênero, ou tantas outras palavras que foram pensadas para ser consenso nos últimos 30 anos. E, de repente, esses termos que estão nas resoluções da ONU, em declarações, estão sendo colocados em xeque novamente.

O segundo elemento é o desmantelamento das instituições. E, finalmente, a tentativa de criar novas instituições ou novas ideias de instituições. Então, como eu disse no começo, há uma estratégia e há um objetivo. E ela é feita de forma profissional e muito bem coordenada.

Algo que, obviamente, foi interessante de assistir foi o ato de Mike Pompeo (ex-secretário de Estado do primeiro governo Trump) de tentar revisar o que era (o conceito) sobre os direitos humanos. Obviamente, isso acabou, porque o governo (Trump)

acabou, mas vimos algo muito similar no Brasil com o Ministério dos Direitos Humanos, ao também revisar o conceito dos direitos humanos.

Alguns direitos seriam fundamentais, outros seriam apenas acusações de grupos minoritários. Ou seja, isso é algo que precisamos refletir ao combatermos o racismo ou qualquer outro aspecto apresentado por esse grupo.

E para concluir, quais seriam os remédios? E que podemos utilizar para combater esses movimentos? Pessoalmente sou a favor de uma estratégia muito ambiciosa que deixa claro que não podemos simplesmente retornar ao sistema grotesco. Precisamos de um sistema democrático totalmente renovado. O modelo fracassou para milhões de pessoas no mundo, não apenas para alguns.

E dou como exemplo algo que acaba de acontecer no Brasil. A pobreza cresceu e 120 mil brasileiros se tornaram novos milionários!! Que tipo de sistema é esse? Enquanto milhões entram na pobreza, há uma concentração de renda dessa proporção? Se isso está funcionando, então sou Papai Noel.

Obviamente que não está funcionando. Se não está funcionando, só há uma saída. Temos que repensar o conceito de democracia. Tenho algumas sugestões: reconhecimento das pressões internacionais, medidas como cotas, com apoio financeiro e um novo sistema educacional. Todas as pessoas, mesmo aquelas que acham que não são parte do grupo de vítimas, precisam entender que também fazem parte desse sistema.

NESTE MOMENTO, A MEDIADORA MARIA SYLVIA DE OLIVEIRA ANUNCIOU QUE HAVERIA MAIS UMA RODADA CONCLUSIVA PARA COMENTÁRIOS DE TRÊS MINUTOS DE CADA PALESTRANTE. A PRIMEIRA A FALAR FOI TRACIE L. KEESE.

TRACIE L. KEESE

Estamos falando aqui sobre uma coordenação global. E isso é algo que não temos como povos africanos e afrodescendentes. Não temos essa coordenação global. E é mais do que hora para começarmos a nos reunir, a dialogar e estabelecer a estratégia que nos pareça a melhor.

Digo isso em razão da urgência do que vemos, não só nos Estados Unidos, mas no Brasil e em outras partes do mundo. E, fazendo isso, significa que nós vamos ter que deixar de fazer algumas das coalizões, que acreditamos que podemos estar certos ou que podemos ser contraproducentes, ao invés de fazer o que deve ser feito para nos mobilizarmos como população.

Temos de observar como a polícia vai ser delegada a manter esses sistemas no lugar que desejam. E isso não é só sobre segurança pública. É sobre policiamento dos corpos das mulheres. É sobre nossas escolas. É sobre nossa saúde. É sobre todos os aspectos de nossas vidas, onde a polícia e as leis se interseccionam.

Sabemos que, como dizemos, o empurrão vem para impulsionar, e há uma demanda crescente por nossos direitos, e que a pressão e o poder para manter o status quo se tornarão ainda mais violentos.

Veremos isso em demonstrações, muitas como as fizemos por George Floyd. E veremos como indivíduos e membros da sociedade civil conhecidos por liderar esse impulsionamento. E o maior grupo que requer proteção e financiamento agora são aqueles que estão no terreno como líderes dessa impulsão.

Para fazermos o que precisamos fazer, imploro que haja uma coordenação entre todos nós. Acredito que ela deva começar por aqui, e penso que deva ser clara e organizada sobre o que iremos e o que não iremos fazer. Portanto, espero que tenhamos a oportunidade de nos coordenar antes de nos colocarmos em uma posição de reação, muito como a que vimos com George Floyd.

BARBARA REYNOLDS

O que me chama a atenção é a arrogância inerente de algumas pessoas contra outras pessoas. Esse não é um assunto de negros e brancos. Tenho que continuar a enfatizar que esse não é um assunto de negros e brancos.

Então, vamos a algumas estratégias. Acho que podemos começar com a linguagem. Por exemplo, quando eu estudei direitos humanos, era sobre demandar os meus direitos. E não posso reclamá-los se alguém não quiser me dar. Ou seja, quando nos dirigirmos um ao outro, temos que mudar nossa linguagem. Fazer o “woke” positivo. Fazer o conservador positivo. O conservador agora se tornou um código contra os negros. Falar sobre nossos direitos assertivamente. Há todo um trabalho que temos que fazer em termos da nossa linguagem e que precisa ser feito instintivamente.

O segundo caminho, acredito, que seja uma educação paralela. Agora, por que digo uma educação paralela? Os sistemas de educação não vão mudar. Eles estão funcionando, estão conectados. Os sistemas da polícia também não vão mudar. Em alguns países, as polícias foram estabelecidas para apanhar escravos fugitivos.

Daí os sistemas de educação paralela. E isso fala sobre como realmente usamos a igreja, a mesquita, o templo, e também os clubes de sábado, os clubes de domingo, as reuniões de oração.

E dizer que nosso sistema de educação paralela tem que ser de pessoa para pessoa, seja onde estiverem. Vou me utilizar de uma analogia aqui. Onde estivermos, nem sempre há uma coordenação. O que precisamos é que cada pessoa esteja apta a responder, pronta para a prevenção. Para que isso aconteça, a educação tem que ser a mesma, para que, mesmo quando os contextos diferem, sabemos o que está se fazendo.

A última coisa que acredito ser muito importante comentar é sobre a viabilidade econômica. Temos que ser capazes de ter condições de prover alimentos aos afrodescendentes, como também prover trabalhos comunitários, ou até ajudar uma pessoa em um dia chuvoso. E isso sem falar do acesso ao crédito ou os negócios dirigidos por negros.

A última coisa que vou dizer é a mais importante. Não devemos interromper a construção de alianças com pessoas que não sejam afrodescendentes. Por duas razões. A história nos mostrou que cada batalha que foi vencida, foi vencida por soldados, mas também por soldados aliados. Então, essa é a primeira coisa. A segunda é que, essencialmente, somos ativistas de direitos humanos. Não somos simplesmente pelos afrodescendentes, mas pelos seres humanos.

E precisamos internalizar e compartilhar com outros que quando nós lutamos pelos afrodescendentes, estamos lutando por todas as pessoas, em todos os lugares, o tempo todo. Portanto, a educação, a viabilidade econômica, a reformulação da linguagem precisam ser efetivadas para que não sejamos psicologicamente destruídos. E precisamos seguir valorizando e construindo alianças, onde quer que elas sejam positivas.

SALIMAH HANKINS

É preciso entender, e este é o meu entendimento também, que existe uma visão muito clara, específica, coordenada, e que estamos vivendo na dimensão de alguém, mesmo quando reflito que é em um contexto neoliberal, sei lá, os Elon Musks que querem ir à Lua. Se as pessoas são específicas sobre qual mundo elas desejam viver, precisamos ser assim também.

Isso me fez pensar, se sabemos sobre essas três estratégias que eles estão se utilizando: quebrar o consenso, enfraquecer as instituições e tentar criar novas instituições. Portanto, mesmo que seja apenas para nosso esclarecimento sobre o que está acontecendo, isso é realmente muito poderoso, e então, especificamente, poderemos enfrentar esses ataques, e revelar quem eles são exatamente.

Quando se fala sobre as formas e como isso está ocorrendo, isso faz com que eu reconheça todo esse caminho. Portanto, ao pensarmos sobre como nossas instituições e lideranças fazem essa trajetória, talvez até de acordo com as pesquisas, verifica-se que a maioria das pessoas não se vê alinhada. E se há algum poder nisso, o que devemos fazer? Não quero dizer com isso que as pessoas devam ser lideradas, mas é como se não houvesse um conceito, portanto, não dá para simplesmente seguir o que os outros estão fazendo.

Existem espaços onde esses debates estão acontecendo, e eu diria que são espaços culturais de negros, e não apenas de negros, mas onde pessoas tenham a capacidade de enxergar e imaginar. Seria dentro de uma perspectiva visionária, e depois refletir sobre as estratégias.

Porém, esses lugares onde esses diálogos ocorrem não têm recursos, não são conectados. As conversas que ocorrem são entre pessoas no poder, mesmo que não sejam conservadoras, que ainda têm que manter o status quo de alguma forma, porque essas pessoas estão no poder.

Ou seja, é como se você tivesse que refletir sobre como apoiar de forma verdadeira esses diálogos, esses conceitos que estão sendo debatidos e que são bastante específicos. E depois (precisamos saber) como devemos nos posicionar diante dos holofotes da China, levando em consideração que é uma grande liderança.

ALMAZ TEFFERA

Acredito ter ingressado no trem do mundo que escolhi viver. Acredito ser essa uma boa forma de colocar as coisas de uma maneira um pouco mais positiva. Sim, eu sou uma mulher negra, afrodescendente, nascida e criada na Alemanha. E o mundo que quero viver é aquele em que não me perguntem de onde realmente sou, e que eu não precise ser apenas alemã, mas uma pessoa como qualquer outra.

Gostaria que os governos, incluindo o alemão, não nos definissem como uma população minoritária. Somos mais de um milhão de negros que vivem na Alemanha, e o governo parece sempre reduzir esse número a muito menos do que isso, para fazer parecer com que sejamos uma minoria. E, obviamente, as minorias nunca recebem a atenção das ações governamentais.

Gostaria que a discussão sobre o racismo não fosse apenas mais um tabu ou que precisemos nos desculpar se classificarmos algo como racista, se for racista. E que eu não tenha que me desculpar por trazer o assunto à tona, caso os brancos se sintam ofendidos. Quero que haja justiça para os garotos franceses de 17 anos de descendência norte-africana que estão sendo assassinados pela polícia, e não mais ver a polícia chamar de guerra civil o que ocorre nessas comunidades que foram marginalizadas e negligenciadas durante anos.

Quero, urgentemente, o reconhecimento das histórias coloniais para combater o racismo estrutural na Europa, como também nas comunidades que estão sendo construídas por governos. Quero também que as reparações sejam reconhecidas não como bondades dos governos às comunidades e às ex-colônias, mas como algo que seja uma obrigação, uma tarefa.

Portanto, sim, acredito que esteja trazendo essa temática porque fui criada na Alemanha, frequentando a escola daqui, onde há uma amnésia colonial. Aqui você não aprende sobre a história do colonialismo da Alemanha.

É como se esse capítulo nunca houvesse acontecido, e ainda assim, obviamente, somos muito bons em lidar com a Segunda Guerra Mundial, com os nazistas, e falamos muito sobre isso. Mas quando se trata da história colonial, ela simplesmente não existe. Acredito que essa é uma parte do problema, porque os afrodescendentes não são vistos na sociedade, não são vistos como parte da sociedade.

Portanto, é muito difícil falar sobre um assunto como o racismo, quando você é invisibilizado. Obviamente que em países como a França também é muito desafiador falar sobre o racismo quando o conceito de raça é rejeitado, porque ou você é francês ou não é, mas todos sabemos que a raça das pessoas importa, porque você vê como certas comunidades são tratadas de forma diferente ou quando temem por suas vidas.

Portanto, apesar de já ter falado sobre isso, como mencionei antes, acredito que precisamos construir alianças, precisamos trabalhar juntos com a Human Rights Watch. Quero trabalhar com parceiros que nem sempre têm esses acessos, como, por exemplo, ao sistema da ONU. Não só para destacar o incrível trabalho que já fizeram, como também para entender como podemos apoiá-los na luta por justiça racial e igualdade.

Então, sim, vamos trabalhar juntos, vamos ficar conectados, porque eu acho que só assim, mostrando solidariedade e estando próximo ao outro, teremos um panorama e talvez possamos mudar o mundo para aquele em que gostaríamos de viver.

JAMIL CHADE

Acredito em uma espécie de aliança global para uma nova democracia, algo assim, obviamente, que estou criando esse nome, mas é no sentido de que precise ser global. Tem que ser uma aliança e tem que ser uma nova democracia, não a antiga.

Em relação à estratégia temos que identificar as ferramentas, como elas se apresentam nos diferentes fóruns, nos diferentes lugares, não só nos parlamentos nacionais etc., mas também internacionalmente. Preciso admitir que, como jornalista sediado em Genebra, cometi vários erros cobrindo essa história.

O primeiro foi a convicção que eu tinha de que, uma vez que esses caras assumissem o poder, como no Brasil, por exemplo, eles iriam sair do Conselho de Direitos Humanos, eles iriam, basicamente, se desligar dos mecanismos. Não, eles até queriam ser reeleitos para serem capazes de mudar todas essas instituições por dentro e impedir qualquer tipo de ação dentro delas.

Então, não foi uma estratégia por assim dizer, basicamente, que eles estivessem abandonando (os mecanismos). Não, eles diziam: estamos ficando e não iremos permitir que vocês sigam em frente com seu plano de mundo diferente, seu mundo com mais democracia, onde todos possam se estabelecer. Não, não vamos permitir isso acontecer e vamos fazer isso permanecendo e fazendo com que ninguém se oponha a qualquer uma dessas tentativas. Portanto, esse foi um dos meus erros. Felizmente, aprendi rápido.

O segundo erro foi também algo que notei quando estava reportando os discursos absurdos do governo brasileiro de extrema-direita e eu também fui usado como um porta-voz. Então, sim, eu tive que garantir que minha reportagem fosse responsável a ponto de não simplesmente replicar o que alguém dizia aqui nos salões de Genebra, porque isso estava sendo usado para mobilizar meu país.

Obviamente que assim que eu percebi isso, uma das primeiras coisas que fiz foi corrigir esse caminho. Mas como disse no começo, se não entendermos que há um plano, que há uma estratégia e um objetivo, facilmente podemos cair nessa trama.

Se puder sugerir algo aqui, é basicamente que sejamos coordenados e que entendamos os mecanismos de poder desses grupos. Caso contrário, estaremos traindo nossas estratégias. E a última coisa: precisamos fazer aliados.

Frequentei o jardim da infância e não havia negros. Frequentei a escola primária e não havia negros. Frequentei o ensino médio e não havia negros. Frequentei a universidade e não havia negros. Ingressei em um jornal onde comecei a trabalhar e não havia um único afro-brasileiro. E isso é muito recente, porque não sou tão velho assim.

E isso em um país em que ao menos 55% da população é de afro-brasileiros. Portanto, que sistema é este? Como passei pelo sistema educacional e os meus primeiros anos de trabalho sem a presença de afro-brasileiros? Se isso é algo que não nos perguntarmos enquanto estivermos no sistema educacional ou em qualquer outro lugar, obviamente não vamos conseguir lidar com isso.

Portanto, estou apenas relacionando isso ao sistema educacional paralelo, que também precisa ser construído, porque devo dizer que eu estava cego. Eu não via nenhum problema. Obviamente, se colocarmos essa questão em perspectiva, é possível ver que há um grande problema quando você passa 20 anos de sua vida em salas que não representam a maioria de seu país.

Este é apenas um pequeno exemplo sobre a necessidade básica de se criar um novo sistema educacional.

